

**V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E
GÊNEROS – GEPEM**

**19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)**

**AT 1
Gênero, Identidade e Cultura**

**ABIGAIL: PROTAGONISMO FEMININO EM CONTEXTO
PATRIARCAL, A PARTIR DE UMA PERSONAGEM BÍBLICA**

Maria Cristina Maneschy
Universidade Federal do Pará
PPGSA/GEPEM

RESUMO

Abigail: protagonismo feminino em contexto patriarcal, a partir de uma personagem bíblica

Reflexão sociológica sobre protagonismo de mulheres em contexto patriarcal, pela análise da personagem bíblica Abigail, retratada no livro de Samuel (1Sm 25, 1-43). Nos limites do papel “esposa”, ela impediu um massacre, episódio crucial na trajetória de Davi, rei de Israel. A abordagem inspira-se em teólogos sobre cristianismo e a posição das mulheres e em teóricas feministas sobre gênero e poder. Detectou-se que duas leituras sociológicas são possíveis. 1) A narrativa enfatiza o padrão tradicional, com mulheres e homens nos papéis convencionais, havendo espaços de reação. 2) Mulheres desconstruíam na prática a ordem de gênero. Abigail, sem exércitos e cargos, reverteu decisão de conflito com argumentos de paz e perdão. Conclui-se que ela questionou as relações de gênero para além de seu tempo, mas persiste silêncio histórico do poder que teve sobre homens e armas.

Palavras-chave: gênero; poder; mulher; patriarcado; Abigail.

Abigail: female protagonism in a patriarchal context, from a biblical character

ABSTRACT

Sociological reflection on the protagonism of women in a patriarchal context. It focus a biblical character Abigail, portrayed in the book of Samuel (1Sm 25, 1-43). Within the bounds of the “wife” role, she prevented a massacre, a crucial episode in the trajectory of David, king of Israel. The approach draws on theologians on christianity and the position of women, and on feminist theorists on gender and power. Two sociological readings are possible. 1) The narrative emphasizes the traditional gender pattern, with women and men in conventional roles; nevertheless, there is scope for reaction. 2) Women in practice deconstructed the gender order. Abigail, without armies and positions, reversed a conflict decision with arguments of peace and forgiveness. It follows that she has questioned gender relations beyond her time, but a historical silence about her power over men and weapons remains.

Keywords: gender; power; woman; patriarchy; Abigail

Abigail: protagonismo feminino em contexto patriarcal, a partir de uma personagem bíblica

Introdução

Propõe-se aqui uma reflexão sociológica sobre o protagonismo de mulheres em sociedades de forte desigualdade de gênero e presença de um sistema patriarcal, que legitima a dominância dos homens sobre as mulheres em diferentes instituições sociais. O foco central deste artigo é a personagem bíblica Abigail, retratada em um episódio que compõe o livro de Samuel (1Sm 25, 1-43), no Antigo Testamento¹. Abigail viria a ser uma das esposas de Davi, monarca do Reino Unificado de Judá e Israel. O período de seu reinado situa-se entre os anos 1003-970 a.C., conforme os relatos bíblicos e, também, com apoio em dados arqueológicos.² Davi é uma das grandes figuras do Antigo Testamento, aquele que quando jovem derrotou o gigante Golias com uma pequena pedra e, ainda, a quem se atribui a autoria de grande parte dos Salmos.

Considera-se aqui a passagem do livro na qual Davi e Abigail se conhecem, com o objetivo de desenvolver uma reflexão sociológica sobre relações de gênero naquele contexto. Toma-se o texto bíblico como texto clássico, fazendo uma analogia com o sentido que o sociólogo Robert Nisbet (2000)³ atribui ao termo ao se referir aos clássicos da Sociologia, comparando-os com obras de arte. Ou seja, trata-se de um texto antigo cuja importância para o conhecimento da vida social vai além de uma contribuição para a história das ciências que se voltam para o humano. Textos clássicos, na acepção de Robert Nisbet, merecem a leitura, pois são sempre suscetíveis de gerar conhecimentos válidos sobre a sociedade da época e, por extensão, são capazes de inspirar a produção de conhecimentos sobre sociedades de outros tempos e lugares, estimulando ainda a criatividade. É nesse sentido que, em caráter inicial, lanço-me a esta reflexão construída sobre a pequena passagem que apresenta a personagem Abigail e o episódio no qual ela exerceu um poder ativo que deixou marcas na vida de Davi. A longa história de Davi está narrada nos livros 1 e 2 de Samuel. Considero que o episódio com Abigail lança luzes críticas sobre o tema do poder inscrito nas relações de gênero e sobre o protagonismo de mulheres em ambientes de forte desigualdade nessas relações.

Este texto começa com a interpretação dada por alguns teólogos e teólogas sobre o entendimento cristão a respeito da posição social das mulheres. Essas abordagens

¹ Todas as referências bíblicas neste texto foram extraídas da “Nova Bíblia Pastoral”, Ed. Paulus, 2014.

² Verbete “David”, em Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/David>. Consulta em 08 de novembro de 2019.

³ A Sociologia como uma forma de arte. Originalmente publicado em 1962.

teológicas descortinam possibilidades de interpretação que interessam também no plano sociológico. Em seguida, apresenta os conceitos sociológicos básicos empregados na análise: gênero e patriarcado. Descreve-se, então, o episódio em foco. Enfim, indicam-se duas leituras sociológicas possíveis sobre o protagonismo da personagem.

1. Abordagem teórico-metodológica

Uma primeira observação faz-se necessária. Os textos bíblicos são, em primeiro lugar, material de fé e não testemunhos histórico-documentais comprovados por dados objetivos conforme os padrões da ciência da História. Muitos textos são reuniões de tradições orais, inclusive de culturas diferentes, e escritos em épocas posteriores. Há, como se sabe, toda uma ciência que faz a exegese dos textos bíblicos. Os textos bíblicos são alvo de estudos que os situam no quadro dos processos que diferentes povos do Oriente Médio viviam, em primeiro lugar os judeus. São processos políticos e econômicos, migrações, exílios, contatos e trocas interculturais, aculturações, expansionismos e subjugações de povos etc. São processos que marcaram as histórias concretas das quais emergiram os textos que compõem a Bíblia. Muitos textos foram escritos por escribas, para rememorar tradições e manter viva a identidade cultural judaica.

Frisando os limites de meu conhecimento na matéria, esclareço que para a análise aqui proposta, é bastante lembrar que os textos bíblicos são também expressões culturais das sociedades em que foram produzidos. E, sobretudo, eles são fontes de valores e visões de mundo que fazem parte do legado cultural judaico-cristão que embasou a formação da cultura ocidental, em suas compreensões de natureza versus cultura, concepções de humanidade, de direitos, as formas de conceber trabalho e futuro etc. É, portanto, nesse sentido de expressão de valores e padrões culturais, que uma leitura sociológica como a aqui proposta encontra justificativa.

A abordagem sobre o episódio de Abigail considera os personagens no quadro das relações sociais de gêneros vigentes então, isto é, relações moldadas pelas construções sociais acerca de masculino e feminino e dos papéis que correspondiam a homens e mulheres em sua sociedade. Parte-se da conceituação de Joan Scott sobre gênero:

... o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Seria melhor dizer que o gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas parece ter constituído um meio persistente e recorrente de tornar eficaz a significação do poder, no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. (SCOTT, 2019, p. 69)⁴

⁴ O artigo de Scott foi originalmente publicado em 1986.

O gênero, portanto, é um campo muito importante na estruturação do poder, em especial do poder político. Scott reforça sua argumentação recorrendo à análise do sociólogo Pierre Bourdieu, que destaca a força peculiar de todo poder que assenta sobre percepções culturais de diferenças biológicas entre categorias de pessoas. Com efeito, gênero tem a ver com papéis e identidades conferidos pela cultura aos sexos masculino e feminino, com base em atributos biológicos. Assim, gênero refere-se também à existência de fronteiras no interior do corpo social. Fronteiras legitimadas por elementos da natureza são muito resistentes. Elas vão se manifestar em diferentes esferas da sociedade, nos campos da produção e da reprodução social, nas atividades realizadas no plano público, no plano da política, assim como no plano mais privado da domesticidade e do parentesco. Em cada uma dessas esferas, também operam outros eixos de classificação social, como as classes, as etnias e as raças. As formas históricas de construção das fronteiras são variadas. Elas não são apenas separações, pois comportam desigualdades sociais.

A leitura feminista sobre as relações de gêneros, por sua vez, vai focar na crítica das discriminações e opressões de gênero. A filósofa Silvia Federici (2019) assim argumenta, agregando ainda a ideia de que a leitura feminista busca um melhor entendimento sobre o trabalho reprodutivo – os cuidados com as pessoas, suas comunidades e o ambiente do qual dependem – que é atribuído precipuamente às mulheres. Federici cita Peter Linebaugh, para quem o trabalho reprodutivo “é a pedra sobre a qual a sociedade é construída e pela qual todo modelo de organização deve ser testado” (FEDERICI, 2019, p. 381). Na linha de pesquisadoras feministas como Nancy Fraser (2016), Federici está propondo a análise crítica das fronteiras de gênero e de suas desigualdades. E, também, propondo uma inversão da ordem hierárquica com que as essas fronteiras são justificadas ideologicamente, isto é, a primazia da produção sobre a reprodução social e dos assuntos das esferas públicas sobre as domésticas. Os estudos elucidam a artificialidade de todas as separações socialmente construídas e como, ao mesmo tempo, estão ancoradas.

O conceito de patriarcado considera que os elementos de separação entre masculino e feminino enraízam-se nas principais instituições de uma sociedade, reforçando a posição social subalterna das mulheres. Segundo Walby (1990), referida por Giddens (2012, p. 444), o patriarcado é “um sistema de estruturas e práticas sociais no qual os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres”. Walby identifica que essas estruturas são independentes, mas interagem para reproduzir o sistema como um todo (Citada por Giddens, 2012, p. 444). Dentre as estruturas estão as relações de produção no lar, o Estado patriarcal, a violência masculina e as instituições culturais patriarcais, tais como a religião e a educação.

As fronteiras de gênero, a despeito de sua fixidez, são desafiadas pelas mudanças históricas. Gênero e poder se constroem reciprocamente, diz Scott (2019, p. 74). E essa construção é dinâmica. As próprias categorias “homem” e “mulher” conhecem variações. Isso significa que são “categorias transbordantes”, pois apesar de parecerem fixadas, “elas contêm ainda em si definições alternativas negadas ou reprimidas” (SCOTT 2019, p. 75).

Portanto, a história política das sociedades se dá também em termos de gênero, uma vez que os espaços de exercício da política são espaços sexuados. Na sociedade de Abigail, são espaços masculinos por excelência. É preciso ter em mente que esse campo é palco de contestações, como demonstram Scott (2019), Fraser (2016) e Federeci (2019), entre outras. As categorias homem e mulher contêm em si, como diz Scott, definições alternativas. Portanto, mesmo onde há forte restrição à mobilidade e à voz das mulheres nos espaços coletivos e nas esferas públicas da coletividade, há reações ao afastamento das mulheres do exercício do poder formal, à violência masculina etc. Nessa perspectiva é que se desenvolve aqui a análise do episódio envolvendo Abigail.

Dentre as perguntas de pesquisa histórica sobre gênero que Scott levanta, algumas têm especial interesse para os objetivos deste artigo.

Por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, quando sabemos que elas participaram dos grandes e pequenos eventos da história humana? (...) Já houve conceitos de gênero realmente igualitários sobre os quais foram projetados ou mesmo baseados sistemas políticos? (SCOTT, 2019, p. 75).

Em suma, a análise aqui empreendida toma os personagens em suas posições e relações de gêneros. Leva em consideração a força do gênero na estruturação das relações sociais, pois se trata de uma sociedade patriarcal. Ao mesmo tempo, indaga-se em que medida a narrativa expressa a existência de visões alternativas sobre a categoria mulher, ainda que fossem visões reprimidas. E, portanto, indaga-se se a narrativa aponta para um conceito de gênero igualitário e capaz de influenciar no sistema político, na linha da pergunta de Scott (2019).

Tanto o episódio em si, como é narrado no Livro de Samuel, quanto o fato de os autores do texto – escribas de Jerusalém – o terem incluído no livro são interpretados como indicadores dessas duas possibilidades que o referencial teórico sobre gênero indica. A primeira é de que naquela sociedade havia visões alternativas às da tradição sobre a categoria mulher. A segunda remete ao ideal de um conceito mais igualitário de gênero que também estava presente. Um ideal igualitário de gênero contempla as capacidades sociais

de homens e mulheres nos diferentes campos e vislumbra mais intercâmbios de conhecimentos, práticas, valores, conexões etc.

2. Elementos da perspectiva cristã sobre as mulheres e seu lugar social

A ideia de desenvolver esta reflexão partiu de uma pregação que ouvi em outubro de 2019. O autor é um pastor e teólogo batista, brasileiro. A pregação data de junho de 2015 e se intitula “Celebrar por ser Mulher – Superbonita”.⁵ Tece considerações acerca de um conjunto de mulheres retratadas em diferentes passagens da Bíblia, dentre as quais está Abigail. A fala do pastor objetivava prestar homenagem à “sabedoria das mulheres” e, de modo particular, ressaltar que elas “engrandecem a mensagem do Evangelho” (Kivitz, 2015). Ou seja, as mulheres não estariam lá apenas como partícipes, mas através de suas experiências de vida como mulheres, de seus dizeres e espiritualidade, elas imprimiram uma marca muito importante no desenvolvimento da fé, argumenta o autor.

A explanação de Kivitz (2015) despertou-me para esta reflexão sobre relações de gênero e protagonismo feminino a partir de Abigail, personagem notável, menos conhecida fora do meio religioso do que outras figuras femininas de destaque na Bíblia. Evidentemente, em primeiro lugar a mulher mais conhecida é Maria, mãe de Jesus. Mas há, também, Maria Madalena, uma das mais fiéis seguidoras de Jesus, dentre outras. Como dito acima, o episódio que Abigail protagonizou é descrito em poucas páginas. Contudo, considero que Ed René Kivitz (2015), ao falar de Abigail, destacou o poder momentâneo, mas eficaz, que ela exerceu sobre homens prontos para o que seria um conflito sangrento, evitando tal desfecho. Que poder foi esse? Como ele foi possível no quadro cultural do judaísmo antigo, que limitava tanto a mobilidade quanto a voz das mulheres, independente da classe social? Eram sociedades marcadas pelo patriarcado, no sentido de legitimarem a submissão feminina em diferentes esferas da vida coletiva.

Há uma literatura importante que explora, do ponto de vista teológico, como o cristianismo renovou o conceito de mulher, ao renovar o próprio conceito de humano. A visão sobre a mulher teve um significado peculiar na grande transformação que o Evangelho pretendia representar. Dentre os teólogos que destacaram o tema da nova visão da mulher, tem-se Timothy Keller (2013), pastor e teólogo presbiteriano americano, que frequentemente em suas falas lembra como no judaísmo tradicional o testemunho de uma mulher pouco valia em um tribunal, de maneira justamente a sublinhar a novidade da perspectiva evangélica naquele mundo patriarcal. Em um sentido que avalio similar, o teólogo russo e

⁵ Kivitz, Ed René (2015). Celebrar por ser Mulher – Superbonita. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aMOM62HYoZU>. Publicada em 22 de junho de 2015. Consulta em 10 de outubro de 2019.

sacerdote cristão ortodoxo, Alexandr Mien, assim se expressou, tendo por base o contexto judaico, romano e grego dos tempos bíblicos:

No mundo pré-cristão, as mulheres quase sempre não passavam de servas mudas, cuja vida só conhecia o trabalho extenuante e as obrigações de casa. Não é à-toa que uma oração judaica dizia: 'Agradeço-te, ó Deus, por não me teres feito mulher'... (MIEN, 2002, p. 105).

Por outro lado, Timothy Keller ressalta em suas análises sobre o Antigo Testamento, que o Deus do judaísmo, em suas intervenções, muitas vezes havia revirado o sentido das instituições humanas. Interpretando o sentido das Escrituras, Timothy Keller argumenta que suas páginas contêm muitas críticas às instituições humanas, apontando suas limitações a partir de dentro, isto é, dos próprios princípios culturais que as legitimavam. Segundo Timothy Keller, instituições como a escravidão, o casamento, a religião e as práticas políticas foram frequentemente abordadas em sua relação com o transcendente. Dessa maneira, evidenciaram-se injustiças que elas continham, ainda que não se rompessem as instituições na prática. É assim que, em sociedades fortemente hierarquizadas, muitos textos bíblicos destacaram deveres de justiça social. E, em muitas passagens, apontou-se para o caráter transitório dos poderes humanos, com suas iniquidades (KELLER, 2013)

Pode-se tomar como exemplo o próprio livro de Samuel (1Sm), que inicia com uma breve passagem da vida de Ana, mulher que influenciaria indiretamente a história de Davi, pois ela seria mãe do profeta Samuel, aquele que por orientação do próprio Deus identificaria o jovem Davi e o escolheria para reinar sobre Israel. Ana era uma das duas esposas de um homem chamado Elcana. Ela era estéril e, portanto, duplamente frustrada, vivendo uma culpabilidade pessoal e social por não preencher o papel esperado de mãe. O marido, no entanto, "a amava" (1Sm, 1-8) a ponto de despertar ressentimento da outra esposa, mãe de vários filhos, que é descrita como provocando e humilhando Ana. Em uma das visitas anuais da família ao Templo, Ana fez a promessa de que se tivesse um filho, o consagraria a Deus. Ela finalmente engravidou e, por ocasião da entrega da criança ao guardião do Templo para que fosse criado para o serviço de Deus, o texto narra a oração em forma de cântico que Ana fez para agradecer. Além de alegria e louvor, suas palavras precisamente exaltam o poder divino revertendo os poderes e as hierarquias terrenas, situando-as em plano secundário diante dos desígnios divinos. Eis algumas frases elucidativas, ditas por uma mulher, que há pouco "vivia amargurada":

(...)
Javé faz o pobre e faz o rico,
Ele pode humilhar e também exaltar.
Levanta da poeira o fraco,

Tira do lixo o indigente
E faz que se assentem com os príncipes,
dando-lhes em herança um trono glorioso.
(...)
Pois não é pela força que o homem triunfa.
(1Sm 2, 1-10)

Justamente a parte supostamente mais frágil daquela família, Ana, entoaria esse cântico que ficou registrado no texto bíblico e que fala bem mais do que dela própria. A notar a crítica do poder que se alcança pelo emprego de força. Seu filho Samuel veio a ser um poderoso líder religioso, junto a quem Davi iniciou sua longa carreira. Em suma, essa narrativa bíblica, seguindo-se o argumento de Timothy Keller, desvela no interior daquele universo cultural elementos de crítica às instituições e aos costumes; na linguagem religiosa, o cântico de Ana expressa clamores por justiça existentes.

Essa argumentação merece atenção, uma vez que os textos da tradição bíblica também expressam a cultura patriarcal, apresentam as mulheres e os homens em seus lugares tradicionais e atribuem virtudes a essas divisões, em desfavor das mulheres. É o que bem destaca a teóloga feminista brasileira Ivone Gebara, que se engaja em um “trabalho de desconstrução da teologia patriarcal”. Essa teologia, segundo ela, é marcada por uma simbologia masculina:

Sabemos também o quanto o mundo simbólico do cristianismo, e particularmente da teologia escrita, é dominado pela simbologia masculina. Deste ponto de vista, a teologia, em todos os seus aspectos, também se torna um lugar privilegiado de ação em vista de uma revolução do simbólico. É exatamente esta a razão pela qual as teólogas feministas se engajam num trabalho de desconstrução da teologia patriarcal e de construção de uma teologia mais inclusiva. (GEBARA, 2000, p. 112)

Nesse mesmo sentido, a teóloga feminista romena Elisabeth Schüssler Fiorenza refere-se à emergência, há pouco mais de três décadas, dos “estudos bíblicos feministas” como uma nova área de pesquisa. A autora indica que apesar das grandes diferenças entre eles, a maioria dos estudos concorda que a Bíblia é escrita em linguagem androcêntrica e que ela se origina de sociedades, culturas e religiões patriarcais. Porém, ela também destaca que, graças ao processo interpretativo feminista, abre-se outro potencial: “a bíblia pode funcionar como uma visão espiritual e como recurso em lutas por emancipação e libertação” (FIORENZA, 2009, p. 24). Evidentemente, ela reconhece que tal sucesso não pode obscurecer o “reverso negativo dessa façanha” (FIORENZA, 2009, p. 24).

3. A ação de Abigail

Durante sua juventude, Davi comandou muitas expedições militares, envolveu-se em batalhas por território, sobretudo entre israelitas e filisteus. Várias dessas expedições estão traçadas em Sm1.⁶ Em um de seus deslocamentos, Davi acampou com a tropa de cerca de 600 homens em um deserto próximo à localidade de Carmel. Aí morava Nabal, rico criador de ovelhas e cabras, homem apresentado como “muito poderoso” e, também, “rude e mau em obras”. Abigail era a esposa de Nabal. Ela é apresentada como “sensata e muito bonita”.

Precisando de víveres, Davi enviou mensageiros até Nabal, que se encontrava nas redondezas por ser época de tosquia das ovelhas. Foram pedir-lhe mantimentos, lembrando na mensagem que pastores que trabalhavam para Nabal haviam estado próximo das tropas, tendo sido bem tratados e recebido proteção. No entanto, o pedido foi negado com veemência por Nabal, com a justificativa de que ele desconhecia quem era Davi e suspeitava que pudessem ser aproveitadores: “Será que vou pegar meu pão, minha água e as ovelhas que abati para meus tosquiadores, e entregar a homens que nem sei de onde vêm?” (1Sm 25, 10-11). Os mensageiros retornaram e relataram o ocorrido a Davi, cuja reação foi convocar 400 de seus homens para ir até a propriedade de Nabal e lá matar todos os homens que encontrassem.

Contudo, um dos rapazes que presenciaram o encontro avisou Abigail do que ocorrera. O texto descreve, então, a pronta e meticulosa reação de Abigail, tomada sem que o marido soubesse.

... Abigail pegou duzentos pães, dois odres de vinho, cinco ovelhas preparadas, cinco medidas de trigo tostado, cem cachos de uvas passas, mais duzentos doces de figo, e carregou tudo sobre os jumentos. Depois disse a seus rapazes: ‘Vão na frente, que eu irei em seguida’. (1Sm 25, 18-19).

Durante a viagem, ela encontrou justamente com Davi e seus homens em marcha rumo a sua casa. O texto narra a atitude e os argumentos dela para dissuadi-lo, que podem ser interpretados como uma diplomacia de paz.

Prostrada aos pés de Davi, ela disse: Meu senhor, a culpa é minha. Deixe que sua serva lhe fale (...) Agora, meu senhor, pela vida de Javé e pela sua: é Javé que o impediu de derramar sangue e de

⁶ Na introdução aos livros de Samuel, na edição da Bíblia aqui utilizada, consta a seguinte informação quanto ao contexto histórico dos livros. Tratava-se de um período em que os reis de Jerusalém buscavam ampliar seu território e domínio na região. É, também, o período em que nasce de fato um Estado em Jerusalém e em que se faz necessário respaldar as conquistas e dar uma identidade a esse Estado. Nesse movimento insere-se a iniciativa dos escribas de Jerusalém de reunir tradições da região, orais e escritas. Os livros de Samuel são frutos dessa iniciativa (p. 302).

fazer justiça por suas próprias mãos. (...) Esta benção que sua serva lhe trouxe seja dada aos rapazes que o acompanham. Eu lhe peço: perdoe a falta de sua serva, que Javé não deixará de lhe dar uma casa estável. Porque meu senhor combate as guerras de Javé e nada de mal lhe acontecerá em toda a sua vida. (...) Quando Javé cumprir tudo o que prometeu a meu senhor, o bem sobre você, ele o constituirá chefe sobre Israel. Então meu senhor não há de ficar perturbado nem com remorsos por ter derramado sangue sem motivo, ou por ter feito justiça com as próprias mãos. Quando Javé tiver feito o bem a meu senhor, você se lembrará de sua serva. (1Sm 25, 24-31)

O resultado imediato foi a anuência à demanda de Abigail. Nas palavras de Davi:

‘Bendita seja a sua sabedoria! Bendita seja você que me impediu de derramar sangue, fazendo justiça com minhas próprias mãos!’ (...) ‘Volte em paz para casa. Veja, eu ouvi sua voz e atendi ao que você pediu’. (1Sm 25, 33-35)

Assim interveio Abigail, mudando o curso de um episódio sangrento e interferindo positivamente na trajetória do futuro rei. Abigail misturou humildade (“sua serva”), atribuição a si própria da culpa, pedido de perdão, dádiva e, sobretudo, apelo à racionalidade de Davi, alertando para que zelasse por sua biografia, sem derramar sangue inútil, ele que estava destinado a ser rei de Israel em concordância com o plano divino.

Eis, pois, o exercício efetivo do poder por uma mulher sobre um conjunto de homens armados para o conflito, sobre o comandante, bem como sobre seu marido, que ignorava a própria vulnerabilidade diante do ataque que se avizinhava. Abigail lançou mão de argumentos e posturas de paz e concórdia, que interpreto como uma diplomacia da paz. Uma leitura teológica permite discernir na atitude de Abigail a característica concepção cristã de poder como serviço, como diálogo e reconhecimento do outro e não como domínio e sujeição.

4. Sobre protagonismo feminino em contexto patriarcal: leituras sociológicas

Abigail tornou-se uma das esposas de Davi após a morte de Nabal. E ela deixa, então, a cena principal do livro. Duas leituras sociológicas são possíveis a partir do episódio. Na primeira leitura, considera-se que a narrativa enfatiza o padrão tradicional de relações sociais de gênero, com mulheres e homens atuando dentro dos papéis convencionais. Registra, no entanto, a iniciativa de uma mulher fazendo-se ouvir pelo poderoso interlocutor. Na segunda, pode-se interpretar uma mulher desconstruindo, na prática, a ordem hierárquica de gênero, mesmo que de modo temporário. O registro de sua história no texto bíblico já é um sinal de uma desconstrução possível. Sugere a possibilidade de outro modelo de relações sociais de gênero, com novos entrecruzamentos das fronteiras do

feminino e do masculino e favorecendo novos intercâmbios de saberes, habilidades e maneiras de agir.

De fato, olhar a sociedade sob o prisma das relações sociais de gênero significa tratar de fronteiras socialmente construídas, como se discutiu acima (Fraser, 2016). O encontro entre Abigail e Davi deu-se nos marcos dessas fronteiras. Mas, Abigail avançou além do papel feminino de então. Em um momento de conflito, ela agiu sozinha perante um exército para defender a casa e a família, lançando mão de uma inteligência política que se mostrou superior à prática que seria adotada por Davi, que era a resposta bélica a um gesto ofensivo. Sem armas ou posição pública reconhecida, reverteu uma decisão de combate com argumentos de paz e perdão. É lícito concluir, portanto, que ela questionou a estreiteza das relações de gênero para além de seu tempo, desconstruindo-a em certo sentido.

Seguindo o entendimento de Scott (2019) sobre a dinâmica das relações de gêneros, a narrativa aponta um transbordamento do sentido tradicional dado às categorias de mulher e homem e seus papéis e poderes. A narrativa aponta, indiretamente, para a possibilidade de superação dos estreitos limites das fronteiras de gênero. Mostra a diplomacia de Abigail e seu contra poder, exercido sob a forma do reconhecimento de seu interlocutor e do colocar-se à disposição para servi-lo em suas necessidades. Não estaria esse texto abrindo caminho para a construção de conceitos de gênero mais igualitários, conforme uma das indagações de pesquisa de Scott (2019)? Junto com os conceitos, aponta para novas práticas também. Abigail tratou a ofensa sob um ângulo mais abrangente que o convencional. Além disso, o próprio fato de os autores do texto registrarem o episódio aparentemente diminuto no livro de Samuel é também, sociologicamente falando, uma expressão da dinâmica concreta em que gênero e poder se constroem. Não é processo linear de dominação e sujeição. O espaço atribuído ao feminino encontra algum espaço em uma teologia masculina, como disse Gebara (2000).

Abigail iluminou essas possibilidades. Ela mostrou a validade da voz da mulher e de sua abordagem do problema. Abigail induziu um chefe a aquiescer a outra forma de resposta: entendimento no lugar da lógica das armas. Desse modo, ela atuou segundo um protocolo coerente com anseios de justiça mais ampla. Em suma, no encontro entre Davi e Abigail mantiveram-se os campos separados de gênero. Mas, nas palavras de Pierre Bourdieu, referidas por Joan Scott (2019), o caráter de “ilusão coletiva” dessas divisões ficou momentaneamente claro. E, portanto, abria-se o caminho para sua desconstrução.

Antes de concluir, vale fazer referência a outra breve passagem do Antigo Testamento que tem interesse para uma análise crítica das relações de gênero em contexto patriarcal.

Trata-se do livro Provérbios, cuja conclusão apresenta o que seria um tipo ideal feminino. O texto enaltece a figura da mulher “de valor”, isto é, virtuosa (Pr 31, 10-31). Os atributos que caracterizam sua virtude inscrevem-se todos na posição social da esposa, mãe e cuidadora da família. Todavia, o texto dá à personagem tamanha força pessoal – e social – que também possibilita uma leitura crítica das relações de gênero naquele contexto. Com efeito, as virtudes da mulher de valor estão como que a transbordar os limites da posição e, portanto, das hierarquias sociais ligadas ao gênero.

Em primeiro lugar, fala-se uma mulher à frente dos negócios da família, não apenas gerenciando as atividades de produção, inclusive a mão de obra, como também comercializando os produtos e sendo ela mesma artesã. Ela é, ademais, providente e generosa.

Ela procura a lã e o linho, e suas mãos realizam o trabalho com dedicação. Ela é como navios mercantes, que de longe lhe trazem o alimento. É noite ainda quando ela se levanta, para preparar o alimento de sua família e para dar ordens às criadas. Ela examina um terreno e o compra (...) Ela sabe que seus negócios vão bem, e mesmo de noite sua lâmpada não se apaga. (Pr 31, 13-20)

Ela fabrica tecidos para vender, e fornece cinturões para os comerciantes. (Pr 31, 24)

A notar a bela metáfora que compara a mulher a “navios mercantes”, a sublinhar sua capacidade de multiplicar recursos que beneficiam, em última instância, a toda a cidade. É o que sugere esse trecho: “Dêem a ela o fruto de seu trabalho, e que suas obras a louvem nos portões da cidade”. (Pr 31, 31) Ela também pratica a caridade, virtude central naquela cultura, pois ela “abre a mão para o pobre e estende o braço para o indigente” (Pr 31, 20).

Cabe ao marido exercer função pública no conselho de anciãos. Mas, o texto sublinha ser ela a fonte do prestígio de que dispõe o cônjuge na função: “Seu marido é respeitado nas reuniões, quando se assenta com os anciãos da cidade” (Pr 31, 23).

Assim como na história de Abigail, a descrição elogiosa da mulher de valor está quase que a denunciar a estreiteza da ordem social de gênero que divide e hierarquiza, pois a sabedoria se constrói em todo o tecido da sociedade. A mulher ideal tem uma posição na cidade, um papel na educação. O homem ocupa a função política, mas é reconhecidamente apoiado pela força da mulher que cuida não só das tarefas domésticas no sentido contemporâneo, mas das tarefas da produção e da reprodução nas quais, de fato, ela é descrita como grande protagonista. A sabedoria ultrapassa as fronteiras entre espaço público e privado, está no masculino e no feminino.

5. Conclusões

O que significam esses registros, o que dizem aquelas ações e pensamentos de mulheres milênios atrás, sobre dominação e resistência? E, sobretudo, o que ainda dizem elas sobre a construção de mundos novos? Por novo, pode-se concordar com a proposta da filósofa Nancy Fraser (1997): sociedades em que a equidade de gênero seja um componente essencial da justiça.

O olhar sociológico aqui proposto enfoca o contexto institucional da época de Abigail, em que operavam barreiras específicas sobre as mulheres. A ação de Abigail pode ser lida conforme lentes tradicionais de relações de gênero enfatizando, todavia, seu notável protagonismo dentro dos papéis socialmente definidos de mulheres casadas, conforme sua posição social. Ela desafiou barreiras de gênero, sem que necessariamente os papéis sociais fossem revolucionados. E teve influência decisiva no desfecho sereno da situação.

A narrativa de Abigail pode ser lida como desconstrução do gênero? Sim. Ela trouxe para a negociação habilidades sociais que se mostraram adequadas na produção de uma saída pacífica para o conflito. Sua racionalidade falou mais alto e evitou mortes injustas e o peso que isso teria na carreira de um rei que havia sido escolhido por orientação divina. Suspendendo as fronteiras da convenção, Abigail aplicou uma inteligência política moldada por valores de paz e serviço ao outro.

Abigail evidenciou no mundo antigo os limites da exclusão feminina dos espaços da política. A exclusão empobrece mais do que enriquece a condução dos assuntos públicos e, por conseguinte, a promoção da qualidade da vida para todos. Na linguagem de hoje, a exclusão das mulheres opõe-se ao desenvolvimento das sociedades, dos países. Essa lição da narrativa aponta na direção da desconstrução do gênero, naquilo que ele tem de sujeição, de separação e de silêncio. Lição válida e mais do que necessária no presente!

Referências Bibliográficas

- FEDERICI, Silvia. O feminismo e a política dos comuns. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019. P. 379-394.
- FIORINZA, Elisabeth Schüssler. **Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista**. São Bernardo do Campo, Nhanduti Ed., 2009.
- FRASER, (N.), "After the Family Wage: a Postindustrial Thought Experiment", em Nancy Fraser (org.). **Justice Interruptus: Critical Reflexions on the Postsocialist Condition**, Londres, Routledge, 1997.
- FRASER, Nancy. Contradictions of capital and care. **New Left Review**, 100. July/Aug. 2016. P. 99-117.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis, Vozes, 2000.

KELLER, Timothy. **Justiça generosa; a graça de Deus e a justiça social**. São Paulo, Vida Nova, 2013.

KIVITZ, Ed René (2015). Celebrar por ser Mulher – Superbonita. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aMOM62HYoZU>. Publicada em 22 de junho de 2015. Consulta em 10 de outubro de 2019.

MIEN, Aleksandr. **Jesus, Mestre de Nazaré; a história que desafiou 2.000 anos**. Vargem Grande Paulista, Ed. Cidade Nova, 1998.

NISBET, Robert. A sociologia como uma forma de arte. **Plural, Sociologia, USP**. São Paulo, 7: 111-130. 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/75487/79038>. Acesso em 10 de novembro de 2019.

Nova Bíblia Pastoral. São Paulo, Ed. Paulus, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019. P. 49-80.

WALBY, S. *Theorizing Patriarchy*. Oxford, Blackwell, 1990. Citado por: GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre, Penso, 2012. 6. ed.